

Editorial:

Conexões plurais com a ética, a cultura, a democracia

Editorial:

Plural Connections with Ethics, Culture, Democracy

Alexandre Carauta

Doutor em Comunicação pela PUC-Rio e Editor da Revista Alceu.

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil.

A **Alceu 53** trafega pelo pluralismo. A segunda edição do ano revigora a diversidade de reflexões e temas permeados pela comunicação. Da resenha de abertura à entrevista final, a revista estende conexões com a cultura, a política, a filosofia, o cinema, o esporte, as transformações tecnológicas. São diálogos imprescindíveis ao debate sobre nossos rumos sociais, sobre o papel da comunicação diante dos desafios democráticos intensificados pela intransigência, pela crise ética, pelos vilipêndios ao pensamento crítico.

A importância dialógica para destrincharmos dilemas contemporâneos se expressa no entrelace entre o professor e pesquisador da PUC-Rio Edgar Lyra e o filósofo belga Mark Coeckelbergh, autor de *Ética na inteligência artificial* (Editoras PUC-Rio e Ubu). Lyra esmiúça, na resenha que abre a **Alceu 53**, os trilhos do livro lançado originalmente em 2020.

Tradutor da publicação (ao lado de Clarisse de Souza, Matheus Barros e Waldyr Delgado), Edgar Lyra escava apontamentos e preocupações quanto aos usos da IA – suas subjetivações, seus desdobramentos políticos, jurídicos, socioculturais. Para o resenhista, o livro configura-se uma “introdução aos problemas éticos trazidos pelo presente desenvolvimento das inteligências artificiais”.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.429>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 53, p.1-4, maio/ago. 2024

Questões éticas também são tangenciadas por Eduardo Neiva, em **“Verdade, prova e possibilidade: na Antiguidade Clássica, nas redes informacionais contemporâneas”**. Escoltado por Platão, Sócrates e Aristóteles, o professor emérito de Estudos de Comunicação da Universidade do Alabama em Birmingham (EUA) traça um panorama histórico das formulações de verdade. Desembocam num “mundo vertiginosamente interconectado das redes eletrônicas”.

Neiva evoca a centralidade das dinâmicas comunicativas nesses processos. Reconhece suas distinções derivadas da cibercultura, porém descarta que a noção de verdade e a constituição de provas estejam superadas. Ele pondera: “num universo onde os discursos se confrontam em estado de liberdade possível, a noção de verdade demanda maior robustez”.

Igualmente contemporâneo é o tema abordado por Rogério Luiz Covalski e Paloma de Castro em **“Diagrama do patrocínio com Naming Rights”**. Com base na triangulação entre comunicação, esporte e marketing, eles sugerem um modelo para nomeação de marca em estádios, arenas, clubes e competições.

Fundamentada por pesquisa exploratória e entrevistas em profundidade, a proposta afina-se ao avanço do *naming rights* no mercado brasileiro, um crescimento em torno do qual se agregam investigações comunicacionais e econômicas.

Já no artigo **“Identidade, história e linguagem na poesia de Salgado Maranhão”**, a contemporaneidade manifesta-se na costura entre fluidez identitária, tradição poética luso-brasileira e cultura afro-indígena – marcas da poesia salgadiana reluzentes em *Pedra de encantaria*. O livro publicado em 2022 conduz a incursão empreendida pelo professor titular da Brown University (EUA) Luiz Fernando Valente na obra do poeta maranhense.

As tais pedras eram usadas como lastro nas caravelas portuguesas a caminho do Brasil. Acabavam deixadas na colônia, onde viravam assentos nas praças do Maranhão. Os poemas de Salgado equivaleriam a pedras de encantaria convertidas no prazer da leitura. Encantaria é ainda, acrescenta Valente, uma prática religiosa afro-indígena. Logo, o título indica uma cartografia literária que reúne os elementos étnicos e culturais formadores da identidade nacional imaginada: “o branco (europeu), o negro (africano) e o indígena (autóctone)”.

O diálogo com a arte ruma para o audiovisual no painel composto por Sandro de Oliveira em **“Ressonâncias expressionistas no jogo do ator no cinema rodrigueano brasileiro”**. O professor da Universidade Estadual de Goiás se debruça sobre a influência da vanguarda expressionista alemã na poética atorial observada em filmes que ecoam a dramaturgia de Nelson Rodrigues.

A análise busca desvencilhar-se de um olhar reducionista acerca daquilo que o crítico Rogério Sganzerla chamou de expressionismo caipira. “As intrigas de muitos desses filmes”, observa Oliveira, “abandonam a estrutura convencional de personagens realistas e individualizadas e perfuram os detalhes da superfície da vida privada cotidiana das famílias para nos fornecerem a realidade como se fosse vista sob a lente de aumento de uma lupa, resvalando, por vezes, na caricatura ou anamorfose”.

As apreciações assinaladas por Muriel Emílio Pessoa do Amaral, no artigo **“Judith Butler e os estudos em comunicação”**, revelam-se não menos permeáveis ao casamento entre imagem e produção de sentidos. A partir dos conceitos de enquadramento e de vida precária, o professor da Universidade Estadual de Ponta Grossa conjuga contribuições da filósofa para expandir as perspectivas teórico-metodológicas de pesquisas sobre representação e fotografia.

Amaral transita não por questões de gênero e sexualidade tradicionalmente realçadas nas reflexões de Butler, e sim por pontes que ela constrói da arquitetura fotográfica com vidas desprovidas de luto. Tais abordagens podem “justificar a ocorrência de violência nos meios de comunicação enquanto formas de representação que estruturam hierarquias”.

Sobre as bordas da representação caminham também Lara Lima Satler e Beatriz de Almeida Prado, em **“Corpo e Comunicação: o conceito de corporalidade sob o olhar comunicacional”**. As pesquisadoras partem da ideia de que “o corpo seria gerador da comunicação” para compreenderem “como conceitos comunicacionais têm aparecido nos estudos de corporalidade na área da Educação Física”. De mãos dadas à interdisciplinaridade, elas sinalizam novas vertentes investigativas.

A janela à pluralidade se espria ao campo político na entrevista concedida pelo professor da UFF, jornalista e escritor Dênis de Moraes ao também jornalista, professor e escritor Chico Otavio. “A ofensiva feroz da extrema direita põe em risco o futuro da democracia e dos valores civilizatórios”, alerta o autor de *A esquerda e o golpe de 1964* (Ed. Civilização Brasileira), relançado em março.

As análises de Moraes somam-se a esforços jornalísticos e acadêmicos para discernir o andamento das forças políticas no país. Na opinião do entrevistado, é preciso entender que a crise das esquerdas não cabe mais no armário: “É hora de abrir as portas e colocar em discussão o papel e as propostas de partidos, organizações, movimentos em um momento histórico”.

Aproveitamos para dar boas-vindas à professora Andrea França, coordenadora da ênfase em Cinema e Audiovisual da graduação em Estudos de Mídia da PUC-Rio. Ela passa a editar a Alceu ao lado de Alexandre Carauta. Andrea substitui a professora Vera Figueiredo, a quem a equipe da revista agradece profundamente pelas ricas contribuições acadêmicas, pelos ensinamentos, pelo convívio afetuoso.

Boa leitura!

Alexandre Carauta

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3607-8710>

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Comunicação, Rio de Janeiro (RJ), Brasil

Doutor em Comunicação pela PUC-Rio

Este artigo é publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution Non-Commercial (CC-BY-NC 4.0), que permite que outros remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho para fins não comerciais, e embora os novos trabalhos tenham de lhe atribuir o devido crédito e não possam ser usados para fins comerciais, os usuários não têm de licenciar esses trabalhos derivados sob os mesmos termos.

<https://doi.org/10.46391/ALCEU.v24.ed53.2024.429>

ALCEU (Rio de Janeiro, online), V. 24, Nº 53, p.1-4, maio/ago. 2024